

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Linha férrea do Vale do Ave

Guimarães, que não tem os seus principais centros industriais servidos por viação acelerada, carece de afrontar com toda a decisão este momentoso problema. Assim o tem manifestado, de um modo brilhante e com grande relevo, o ilustre vimaranense Ex.^{mo} Sr. Dr. João Antunes Guimarães, que não deixa de apregoar a necessidade e urgência da construção da linha férrea do Vale do Ave. E tão valiosa é a sua propaganda que da cidade de Braga lhe tem advindo manifestações intensas de ataque tanto na imprensa, como em reuniões publicas, ataques que, diga-se em abono da verdade, não são feitos com a isenção e sinceridade que seria para desejar. Bem sabemos que a linha do Vale do Ave, como tudo quanto represente progresso para Guimarães, é geralmente pasto para critica e opposição da capital do Distrito. Isso porem não deve de modo algum servir de embaraço ou obstaculo a que trabalhemos com verdadeiro interesse pela conquista do que nos é necessario para progredir.

E a linha ferrea do Vale do Ave constitui indiscutivelmente uma poderosa alavanca de fomento industrial, comercial e agricola que não devemos de modo algum deixar de mão.

A linha ferrea do Vale do Ave, tal qual como muito bem a tem estudado o Ex.^{mo} Sr. Dr. João Antunes Guimarães, seu acerrimo defensor, deve partir da estação de Caniços, da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, seguir ao longo da margem direita do rio Ave até ás alturas de Riolongo, no concelho de Vieira, para daí ganhar o planalto de Casares e seguir por Cabeceiras de Basto, ao encontro da linha ferrea do Vale do Tamega. Dentro do concelho de Guimarães dá ainda esta linha um ramal para Famalicão e outro para a sede do distrito, que podia muito bem ser constituído pela linha electrica Braga-Guimarães.

O que é esta projectada linha sob o ponto de vista tecnico e de fomento está dito de um modo brilhante pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Antunes Guimarães. Mas como nunca é demais repetir o bem, não queremos deixar de lhe fazer algumas ligeiras referencias.

Disse alguém em tempo, como objecção ao projecto, que a linha do Vale do Ave era *tecnicamente inadmissivel*. Mas nós tivemos o prazer de registar a declaração publica do ilustre engenheiro, Ex.^{mo} Sr. Teixeira da Silva, um bracarense de relevante bairrismo, que a linha do Vale do Ave era *tecnicamente a mais admissivel* de todas as projectadas linhas.

E nem outra coisa podia dizer-nos o grande tecnico, pois basta visitarmos a região para concluirmos que uma linha ferrea que segue sempre a margem de um lindo rio, sem desniveis acentuados, sem carecer de custosas obras de corte, não pode classificar-se de tecnicamente inadmissivel.

A trajectoria desta linha faz-se por assim dizer em linha recta, servindo ao mesmo tempo todas as zonas de actividade humana que encontra na sua passagem.

A primeira parte, ou seja o troço de Caniços á Pova de Lanhoso, não carece de qualquer desvio e vence sem obras de corte todo o trajecto, sendo portanto de facilima e barata construção.

(Continua).

Crónica da semana

Introito Aquêlê que procure desenfasiadamente analisar a vida pacata duma terra provinciana não tem, evidentemente, que preocupar-se com casos sensationais, tão raros êles são, mas nunca lhe faltará que anotar, nunca, por carência de assunto, deixará de ter matéria para criticar, pois sempre algo há-de haver que mereça um reparo, um julgamento severo ou, pelo menos, uma ironia leve e inofensiva.

E entre nós, quantos ridiculos a apontar, quanta vaidade balôfa a deitar por terra, quanto egoismo a combater, quanta maldade a estigmatizar, quanta intriga reles a desfazer!...

Sem querer armar em latão de provincia, em moralista de trazer por casa, o cronista propõe-se fazer a crónica desenfasteada, serena, levemente irónica, dos acontecimentos da semana.

A crónica será, pois, sempre, um breve apontamento à margem... dos últimos acontecimentos...

A comemoração da Bat. de S. Mamede

Continuam afanosamente os preparativos para que esta festa nacional atinja um brilhantismo honroso. A cidade tem acolhido a ideia *menos mal*...

Mentiríamos se dissessemos que os vimaranenses atingiram, como deviam, o significado da iniciativa em marcha. Não justifica de modo algum o indiferentismo de muitos, a desculpa, tantas vezes ouvida, das dificuldades económicas, aliás indiscutíveis. Se todos, na medida das suas forças, contribuissem, a festa seria digna do nosso nome, das nossas tradições.

Mas... uns não vêem porque não querem vêr, outros porque não podem. Estes são os que sempre viveram, e hão-de viver, na ignorância do que os rodeia e do que êles próprios representam; aquêles são os que, não dotados muitas vezes de espirito tacanho, se esforçam por não *querer vêr*, levados, quasi sempre, por maldade congénita.

Dois grupos, pois, de *empatas*: o dos pobres de espirito e os de espirito pobre — o dos ignorantes e o dos maus. Comandando o segundo grupo estão os *ignorantes e maus*, aquêles que, por fatalidade nossa, reúnem estas duas coisas terríveis — ignorância e maldade. São os *azêdos* de trato, os camaleões das políticas tortuosas, os safados morais que sempre aparecem, em certos momentos, prontos para a persiguição pessoal ou para a calúnia venenosa.

Diz-se dos que pertencem ao primeiro grupo: — coitados... Dos outros só pode dizer-se: — malditos sejam.

E' consolador, apesar de tudo, verificar que, duma maneira geral, o povo, o povinho, a massa anónima que sempre toma as mais nobres atitudes e sempre foi capaz dos mais gloriosos heroísmos, tem sabido — honra lhe seja! — corresponder ao apêlo que lhe

foi feito, entregando com bôa vontade o seu óbulo modesto.

Como nos seria agradável, ao referirmo-nos a êste assunto escrever sômente palavras de aplauso e de ardoroso entusiasmo!...

Se fôsse possível dar vida à inerte e bronzea figura d'Aquêlê que com a sua espada rasgou a sulcos largos o caminho que trilhamos. Ele gritaria bem alto o seu protesto, dizendo, como há dias por Ele outros disseram: — *Ingrata Pátria!*...

Museu Alber-De «O Comércio»-to Sampaio

«Acaba de organizar-se o grupo dos amigos do Museu Alberto Sampaio com o fim de engrandecer e propagandar uma das obras que vem engrandecer a terra de Afonso Henriques»...

Lemos pressurosamente o resto da noticia, tanto nos interessa tudo quanto, de longe mesmo, diga respeito aos interesses ou ao bom nome da nossa terra.

...E ficamos desapontados... Coisa apreciabilíssima é essa a que alguém chamou — o sentido das proporções...

Coisa muito de presar é também essa outra a que chamam — o sentido do ridiculo.

Claresa, independência e energia nas opiniões próprias — é o nosso lema. Obedecendo-lhe diremos que nem uma, nem outra das coisas atraz mencionadas tiveram as pessoas que organizaram aquêlê *grupo dos amigos*. O próprio Alberto Sampaio, se vivo fôsse, o diria tão espeditamente como nós.

Isto sem o menor intuito de ofensa a qualquer dos senhores que fazem parte do grupo.

E terminamos, fazendo votos porque decorram animados e brilhantes os chás dançantes e as verbenas que se organizem pró-engrandecimento do Museu Alberto Sampaio...

Ainda a Comemoração

Propunha-se o cronista continuar analisando os acontecimentos da semana, e longe estava de que o assunto lhe surgiria palpitante, vivo, cheio de interesse. O acontecimento a comentar é êste: a comissão administrativa não contribue para as festas do centenário.

Relciam os leitores o que deixamos escrito atraz sôbre os *empatas*. A que grupo pertencerão os dignos membros da ilustríssima edilidade?

Pedimos, a comissão de censura que, no exercicio do direito de critica correspondente aos nossos direitos de munícipe, nos deixe marcar bem o nosso protesto contra a forma, afrontosa a nossa dignidade de vimaranenses, como os interesses da nossa terra são descurados pelas criaturas inéptas e inconscientes que por êles deveriam zelar.

Senhores: Quem não pode, não quer ou não sabe, tem um único caminho, um só: — vai-se embora, retira-se à privada, não espera que o empurrem.

Haja vergonha! Haja decôro! Esperamos dos vimaranenses

Quem fala...!

O nosso colega local «O Comercio de Guimarães» em uma local intitulada *De passeio...*, depois de se ter referido aos «passarinhos presos numa gaiola, em Lisboa» diz mais o seguinte:

«quando discutiam a melhor forma de promoverem novas lutas fraticidas, a perda de mais vidas, o desbarato de haveres e a desordem duma Nação que tanto precisa de paz, ordem e trabalho!»

Adivinha muito bem, o bi-semanário monárquico!

Pode deitar cartas, meu caro! Com que então *lutas fraticidas, perda de vidas, desbarato, etc., etc.*... ?!

Oh, horror!... E o que devemos nós chamar ás suas... incursões, ao movimento de 21 de Outubro, ao movimento de Mafra, á Traulitania e á tentativa de Monsant?

Se calhar, ordem, paz e trabalho. Pobre tonto!

Como se os republicanos te não conheçam de gingeira e não saibam do desejo e da satisfação que experimentas ao ver seguir mais uma leva de deportados!

Como se julgas que intrigas e provocas a sua desunião a ponto de traíres de novo quem vos tem dado muita benevolencia e muitas... *amnistias!*

Pobre tonto!

Casas económicas

Dizem-nos que as chamadas casas económicas estão tendenas a ser construidas num terreno que desce dos Palheiros em direcção á Burnaria, por detraz do Hospital!! Não acreditamos. Seria um contrasentido.

Tal terreno pode ser excelente para a cultura das minhocas e toda a gente sabe que na construção daquelas casas devem observar-se os preceitos da mais rigorosa hygiene, quer na distribuição das dependencias a habitar quer, e sobretudo, na escolha do local que sempre se procurou, como condição primeira, bem exposto ao sol nascente.

Vamos entrevistar, sobre o assunto, pessoa competente e depois falaremos... se nos deixarem.

que saberão neste momento dar a merecida lição ás criaturas que os representam.

E até á próxima.

S. DE PAIVA.

P. S. — Alguém bacorejou por aí, e escreveu-se até em letra de fôrma, que era insultuosa a maneira como êste jornal se referiu, num dos últimos números, ás criaturas que empatam as iniciativas que mais poderiam enobrecer a nossa terra. Que o rabiscador atente no que se vem passando e que me diga depois se em alguma coisa insultamos quem quer que fôsse. Se o rabiscador tiver vergonha, se fôr vimaranense digno e honrado, há-de sentir como nós, com certeza, vontade de passar além das palavras, de pegar num azorrague e expulsar do templo dos vendilhões.

S. P.

Diz-se... Pelas Taipas

...Que o grande higienista re-
ceando alteração da ordem com
a venda em hasta pública de uma
conhecida ruma de estrume, a
mandou remover, sem mais for-
malidades, para prédios seus e
onde lhe será dado o conveniente
destino de fazer crescer as ba-
tatas.

...Que o Município resolveu na
sua última sessão não contribuir
para os festejos do oitavo centenário
da Batalha de S. Mamede.

...Que é grande o descontenta-
mento da população citadina e
que este acto é tomado como um
propósito que ofende a magôa.

...Que o "Ecos", de cara esta-
nhada e contas ao pescoço se
sente devéras incomodado com
as agulhadas desta secção.

...Que o dito órgão monárquico
de sempre é defensor estrénuo
dos animais classificados como
"saurios vermilingues".

...Que a D. Economia vê nele,
no "Ecos", a esperança redentora
dos seus eloquentísimos
desabafos e o melhor atestado
para o seu republicanismo.

...Que o tal mentor do João-
sinho não é, como para aí se diz,
animal com configuração de gen-
te mas sim um bicho imundo,
que não é homem nem é bicho,
que "tem força na cauda e o
veneno nos dentes", e que estereoti-
pa um carácter: a malvadez.

...Que este instinto lhe conti-
nua a dar determinado prazer
mas já agora o da couve galega.

...Que a paz não é como dan-
tes nem os substitutos desejam
fazer quartel-general no Muni-
cípio.

...Que o sr. do Barco vai re-
colher-se á sua tebaida de S.
Cláudio, desgostoso por não ver
realizado o seu sonho doirado
(verdadeiramente de pópogim...)
e por não ver transformado aque-
le caminho que, muito embora
desse passagem a carros de bois,
"não tinha a largura suficiente
para passar um defunto".
P. N. e A. M.

...Que o tal pedreiro Souza
não foi lesto em socorrer o seu
colega Isolino a ponto de evitar
o embargo do epilético industrial.

...Que a tal perseguição aos
funcionários camarários é uma
cantiga que não pega para jus-
tificar a licença de 60 dias.

O aniversário dos Bombeiros.
Outras notícias

Realizou-se, como anunciamos,
no pretérito domingo a festa co-
memorativa da fundação da Cor-
poração dos Bombeiros Voluntários
das Taipas.

O programa foi executado com
precisão e a tocante cerimonia
deixou as mais gratas impressões
em toda a gente.

Pelas 11 horas, após a forma-
tura geral foram os bombeiros com
a sua bandeira e levando á frente
a sua banda, assistir á missa pe-
los seus camaradas falecidos.

A missa foi celebrada pelo rev.
P.^o Silva Gonçalves, que em um
eloquente discurso alusivo á ceri-
monia teve palavras de incitamen-
to para o cumprimento da grande
missão humanitaria do bombeiro
e para a lial e amiga colaboração
que todos desinteressadamente
lhe devem prestar.

Terminada a missa foram os
bombeiros com o mesmo cortejo,
acompanhados de muito povo e
alguns membros da direcção em
romagem ao cemiterio, desfolhan-
do flores sobre os tumulos dos
antigos camaradas que ali dor-
mem o eterno sono.

O Patrão sr. Candido Capela
leu um tocante discurso, repassa-
do de saudade pelos companhei-
ros ali sepultados.

Pelas 17 horas teve lugar a
sessão solene, a que presidiu o
snr. Simão Costa, digno Coman-
dante dos Bombeiros Voluntários
de Guimarães, secretariado pelo
snr. Manoel José Pereira, Coman-
dante dos Bombeiros das Taipas
e José de Pina, 2.^o Comandante
dos Bombeiros de Guimarães.

Foram oradores os Ex.^{mos} Srs.
Dr. Alfredo Fernandes, Dr. José
Pinto Rodrigues, A. L. de Car-
valho e Dr. Eduardo de Almeida
que em vibrantes discursos, con-
stantemente recortados por ovações
e palmas da assistencia traçaram
o papel do bombeiro, a sublimi-
dade da sua nobre missão, a
grandeza do seu sacrificio e sau-
daram os bombeiros das Taipas e
o seu illustre Comandante.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Angélica de Al-
meida, gentilissima filha do snr.
Dr. Eduardo de Almeida saudou a
Corporação de Bombeiros das
Taipas e colocou na sua bandeira
um laço de fitas com as côres
nacionais. Esta cerimonia que
foi celebrada com o toque de con-
tinencia dos clarins levantou a
assembleia em uma intensa mani-
festação de entusiasmo.

O snr. Simão Costa, antes de
encerrar a sessão pronunciou um
discurso cheio de sinceridade e
franqueza, aconselhando os bom-
beiros a obedecerem em tudo ao
seu Comandante, sem o que não
póde haver disciplina nem cum-
primento rigoroso da grandiosa
missão de bombeiro.

A assistencia era numerosa,
vendo-se muitas gentis senhoras
que a esta festa emprestaram um
cunho de graça e elegancia que
só elas sabem imprimir.

A sessão seguiu-se um delicio-
so copo de água, graciosamente
servido pelas Sr.^{as} D. Domingas,
D. Violinda e D. Noemia Crespo,
D. Maria e D. Candida Lourenço.

Trocaram-se amistosos brindes
e efusivas saudações aos Bombei-
ros das Taipas e Guimarães, aos
seus dignos Comandantes, ás gen-
tis senhoras que abrilhantaram a
festa, ás quais foi feito o apêlo
para que dispensem sempre o
seu carinho á Corporação cujo
aniversario se celebrou e sejam o
anjo da paz na hora em que or-
gulhos e ambições descabidas
pretendem semear a discordia no
seio desta benemerita instituição.

O quartel dos bombeiros esta-
va ornamentado com palmas e
flores e o material irrepreensivel-
mente cuidado.

— A Snr.^a D. Custodia Crespo

Batalha de S. Mamede

Informações à Imprensa

(Da Comissão de Propaganda)

Foram já recebidos alguns
originaes para o Número Come-
morativo e entre elles os dos dis-
tintos escritores srs. Rocha Mar-
tins, Dr. Alfredo Pimenta, Dr.
Fidelino de Figueiredo, Dr. Fi-
gueirêdo Guerra, Dr. Leonardo
de Castro, João Grave, General
Valeriano José Cesar, Jaime de
Magalhães Lima, Mons. José Au-
gusto Ferreira e Coronel Gaspar
do Couto Ribeiro Vilas.

A capa especial deste número
será um motivo alegórico e devi-
do ao lápis do preclaro Artista
Vimaranense sr. Abel Cardozo.

— A Comissão Central inten-
sifica os seus trabalhos e constata
a maneira gentil como os seus
delegados foram recebidos no dia
4 pelo Ex.^{mo} Comandante da 1.^a
Região Militar, sr. Coronel Cra-
veiro Lopes.

— Delegados da mesma Co-
missão acompanhados pelo Ex.^{mo}
Procurador á Junta Geral do
Distrito, sr. Dr. António de Je-
sus Gonçalves, avistam-se á ma-
nhã, 10 do corrente, com o Ex.^{mo}
Governador Civil do Distrito,
podendo a Comissão de Propa-
ganda assegurar antecipadamen-
te que S. Ex.^a presta todo o con-
curso para que a Comemoração
do 8.^o Centenário da Batalha de
S. Mamede atinja a imponência
e brilhantismo que o facto nacio-
nal merece.

— O distinto gravador por-
tuense, sr. Marques Abreu, vem
ainda esta semana a Guimarães,
tirar algumas fotografias para
gravuras destinadas ao Número
Comemorativo.

Guimarães, 9 de Maio de 1928.

a) Eugénio Vaz Vieira.

prometeu á Corporação uma ban-
deira.

— Durante a tarde houve bazar
de prendas e concerto pela banda
dos bombeiros no largo fronteiro
ao quartel, que estava ornamenta-
do com trofeus e mastros de ban-
deiras.

— Merecem gerais reparos a
não comparencia á sessão solene
dos membros da direcção da As-
sociação e do 2.^o Comandante da
Corporação.

— Foram suspensas as obras
de construção da estrada da Cita-
nia de Briteiros. E' para lamentar
este facto que veio mais uma
vez deixar desiludida a nossa es-
perança.

— Já está demolido o velho la-
vadouro existente junto á estrada
que das Taipas vai a Brito e que
o centro desta povoação vinha
utilizando desde tempos imemo-
riais.

O material está a ser empre-
gado nos novos lavadouros que a
vereação mandou construir e para
os quais vai ser retirada a
água que antigamente abastecia
a povoação.

E' pena que não se tivesse ave-
riguado primeiro se o caudal da
nascente chega para lavadouros
públicos, pois dizem-nos que ele
nem para um lavadouro particular
é bastante mesmo na força do in-
verno.

Ora sendo assim é uma despe-
za inútil que se faz.

Este número foi visado pela
Comissão de censura.

Ao "Ecos de Guimarães,"

Não é costume nosso dar im-
portância a vozes que na imprensa
aparecem a propósito de tudo e
de nada e que não respeitam as
normas da boa educação e da cor-
recção que deve ter todo aquele
que se dedica ao jornalismo.

Excepcionalmente e sem exem-
plo, fazemo-lo hoje para dizer aos
senhores do "Ecos de Guimarães"
que o não julgamos com compe-
tencia para ser considerado um
órgão da imprensa.

Para se fazer jornalismo em
Guimarães, é preciso ser coerente
com os seus principios e o "Ecos"
não tem coerencia, muda de
orientação conforme as suas con-
veniências: tanto se diz monar-
quico e se apregoa desvelado de-
fensor da sua causa, coma arru-
ma do frontespicio o seu pomposo
titulo para dizer-se situacionista e
capaz de lutar pela República e
pela Ditadura.

Para se poder representar a
Imprensa em Guimarães é preci-
so pôr acima de caprichos indi-
viduais e de servilismo persona-
lista, os sagrados interesses da
sua terra e o "Ecos" não appareceu
nunca a fazer uma propaganda
séria, leal, honesta e desinteres-
sada, em prol deste lido recanto.

O "Ecos" passa a vida exer-
cendo vinganças mesquinhas,
agredindo violentamente os que
lhe não agradam, aconselhando a
perseguição aos republicanos,
semeando a discórdia no seio da
familia vimaranense, procurando
conspurar tudo e todos com o
lodo da sua ignominia.

Para o "Ecos" não ha convic-
ções politicas nem devoção bair-
rista. Ha simplesmente o espirito
mesquinho de fazer mal, de des-
truir, de demolir, de ser grande
á custa de todos os estratagemas,
de todas as artimanhas.

Cá na casa mantem-se integro
o principio da educação, faz-se
justiça a todos, defende-se com
carinho a Pátria e a República,
lucta-se devotadamente pelo pro-
gresso, pelo engrandecimento de
Guimarães e não se aceitam lições
de quem, como o "Ecos" variam
com os tempos e as circunstancias.

Mostre-nos o "Ecos" a sua fo-
lha de serviços uteis prestados a
Guimarães e depois poderemos
dizer-lhe mais alguma coisa: por
agora dizemos-lhe apenas que
ainda o não julgamos com cra-
veira para merecer a considera-
ção da gente de bem, dos homens
de brio e dignidade.

Os estudantes de Vila Real e o
Orfeão Lusitano, do Porto

Guimarães recebeu em seu seio
duas excursões que marcaram e
que traduziram, dum modo espe-
cial, o muito apreço em que é ti-
da a nossa terra, fidalga gentileza
que sensibilibus devéras os nossos
corações de vimaranenses.

Foram elas a dos estudantes do
Liceu de Camilo Castello Branco,
de Vila Real, e a do Orfeão Lusi-
tano, da laboriosa cidade do Porto.

A primeira, que teve lugar no
dia 5, marcou pela alegria espa-
lhada por almas moças de estu-
dantes, bela confraternisação e
pela visita feita aos nossos monu-
mentos.

A' noite, no Teatro D. Afonso
Henriques, realiso-se um sarau
de satisfz plenamente. Constatou
de parte scenica e parte orfeonica
sob a regencia do professor do
mesmo liceu, Snr. Sousa Vieira.

A visita do Orfeão Lusitano,
que teve lugar no passado domingo
mereceu tambem da parte da nossa
gente uma carinhosa recepção.

Foram recebidos no Salão No-
bre da Associação Commercial e
Industrial e af se trocaram alguns
discursos de boas-vindas e de agra-
decimento.

Jesuíta pela certa...

Na «Carta de Lisboa» publica-
da no penúltimo número do nosso
colega local «O Conquistador», o
correspondente M. C. diz a certa
altura que «os quadros tipográfi-
cos dos jornais da capital, foram
uns para Coimbra, outros para
Cintra... a gosar o feriado do 1.^o
de Maio».

Mais diz que «não agrega com
os tais do 1.^o de Maio, mas que,
pelo contrário, até escreve cartas
maiores.»

Não fóra a mágua de tocarmos
na teologia, o respeito que nos
merece a Igreja, apesar dos seus
erros e dos seus crimes, ao cor-
respondente M. C. diriamos do
direito da tal comemoração, das
causas que determinaram numa
festa universal e do seu significado
atravez de todas as épocas.

Assim, tratando-se como se
trata de qualquer sapo de sacrístia,
imbecil ou ignorante, limi-
tamo-nos a dizer-lhe:

— Outro officio, amigo! Dei-
tai os vossos cânones a uma la-
trina!

Após o almoço, na sala da Bi-
blioteca da Associação dos Em-
pregados de Comercio, pelo seu
Presidente, snr. António de Al-
meida, foi oferecido a alguns
membros do Orfeão um bem ser-
vido copo de água, registando-se
a troca de effectuosos brindes.

O sarau realiado á noite, no
nosso velho teatro, revestiu dum
brilhantismo que raramente se ex-
cede. Fez a apresentação do ex-
celente grupo coral o conhecido
jornalista, snr. Eduardo dos Santos
(Eduvisa) que substituiu o dis-
tinto causidico e orador, Sr. Dr.
Eduardo de Almeida, que não pô-
de comparecer por motivos im-
previstos.

De seguida, sob a regencia firme
e magnífica do maestro e repu-
tado professor, snr. Afonso
Valentim, o Orfeão cantou a sua
primeira parte do programa, ten-
do agradado devéras, especial-
mente as composições *Saltarelle*
de Saint-Saëns e *Ecce Sacerdos*
Magnus de Vito Fidelis.

Hugo da Rocha, talentoso poeta
e membro da Direcção do Or-
feão Lusitano, disse em breves
palavras do desejo do regente
Afonso Valentim em dedicar este
sarau ao grande musicólogo e
saudoso vimaranense Valentim
Moreira de Sá, cantando deste
autor a «brincadeira» orfeonica o
Rata-plan.

A 2.^a parte foi enchida por um
acto de variedades e de concêrto,
sobresaindo-se, alem da pequenina
Maria Carolina que recitou poesias
e monólogos e cantou varias
cançonetas, os tenores Gastão
Mineiro e Alfredo Possacos.

A 3.^a parte foi preenchida pelo
grupo scenico que interpretou
com acêrto a farça de Rangel de
Lima intitulada «O grande Esta-
dista», distinguindo-se o snr. Fran-
cisco Nobre no papel de *Flavio*
Falías, criado de servir.

Na 4.^a e ultima parte ouviu-se
mais uma vez o grupo coral que
executou varias composições de
renome, sendo para destacar a
Navarra (Jota) de Apolinar Brull
com solos de tenor e barítono e
côro mixto.

Tanto os estudantes de Vila
Real como os orfeonistas por-
tuenses, retiraram-se desta terra
satisfeitísimos, sendo alvos duma
carinhosa despedida.

A politica é uma sciência. A sciência,
filha castissima do Espirito, só tende a
elevar, a instruir, a moralizar, a santifi-
car a vida humana. A politica é o instru-
mento da Justiça social. Revestida pela
autoridade dum caracter quasi religioso,
é uma voz de grandes ecos, que diz á ver-
dade, fala! que diz á consciencia revela-tel
que diz ás almas emancipai-vos! que so-
bre tudo diz aos costumes moralizai-vos.
Para ter o direito de dizer isto, a politica
tem, mais que tudo, que ser moral.

ANTERO DE QUENTAL.